

A Igreja no Mundo

por Lindolfo Weingaertner

Conferência realizada em Lima,
em 14 de julho de 1965.

De acôrdo com o pretenso significado etimológico da palavra grega EKKLESIA (igreja, iglesia) freqüentemente a igreja é designada com a expressão: “a que é chamada para fora”, subentendendo-se que é chamada para fora do mundo. Se considerarmos êste “para fora do mundo” como sendo característico essencial da igreja, a formulação de nosso tema de antemão nos poderia parecer duvidosa — não só, porque aparentemente contém uma afirmação paradoxal, que pelas leis da lógica necessariamente deve levar à aporia, mas porque a tendência bem patente que transparece do tema, a saber — a igreja existe no mundo, dentro do mundo, poderia ser teologicamente suspeita. Aqui não se afirma irrefletidamente algo que não leva em consideração a verdadeira essência da igreja — que ela não é dêste mundo e que o seu lugar definitivo não é neste mundo — aqui não se ignora pelo menos a “direção de marcha” do povo de Deus? Se Cristo realmente chamar o seu povo para fora do mundo, então sempre estaremos combatendo “com as costas junto à parede”, quando lhe quisermos reivindicar um lugar legítimo “dentro do mundo”! Não poderemos afirmar a presença da igreja no mundo, exemplificando-a com fatos concretos, sem termos nossa consciência teológica carregada — e consciência teológica carregada significa atitude forçada e incoerente na esfera eclesiástica — se de antemão não pudermos chegar a um critério claro e elucidativo com respeito ao tema, se não pudermos afirmar: eu creio em uma santa igreja cristã dentro dêste mundo, não como sendo um substitutivo que por direito não deveria existir (“a igreja deveria estar fora — mas infelizmente ela está dentro...”), mas como sendo uma expressão da fé em Cristo que define a própria substância da igreja: A Igreja de Jesus Cristo existe neste mundo. Ela só pode ser obediente ao seu Senhor, se levar sua existência conscientemente dentro do mundo, do qual Deus se proclamou Senhor em Jesus Cristo.

Poderemos pressupor esta afirmação básica? Ou não deveria ela constar no fim de nossas reflexões, após termos eliminado todos os equívocos potenciais, após termos definido o “estar no mundo” da igreja, delimitando-o e restringindo-o para não provocarmos malentendido? Corramos o risco de conservarmos a premissa básica do tema, sem receio de eventuais equívocos. Não o fazemos face a uma situação apologética específica — talvez para

combatermos o marxismo, que afirma que qualquer religião implique a tentativa de escapar do mundo e de suas tarefas — ou para nos distanciarmos de um tipo definido de misticismo católico, pietista ou fundamentalista, mas porque o fato que Cristo veio para este mundo (para falarmos com o evangelho de João: que Verbo se fez carne) não nos deixa outra alternativa. Se Cristo realmente entrou neste mundo, se Deus se identificou com o homem, pentrando em seu mundo, em sua carne, se na palavra pregada e no sacramento administrado se realiza a presença real de Cristo no mundo, então à Igreja de Cristo não será designado outro lugar a não ser o mundo — isto é os homens, tais quais são, os homens outrora e os homens hoje e aqui, que procuram submeter o mundo a si mesmos, que à sua maneira se identificam com o mundo — com um mundo que não sabe de Deus, que apenas sabe de realidades políticas, econômicas, técnicas, culturais e sociológicas — e que em última análise fracassou nesta tentativa de identificação, por ter procurado chegar a si mesmo sem chegar-se a Deus, por ter tentado vencer a confusão babilônica do mundo sem ter resolvido antes a confusão do “coração babilônico” (Thielicke). A pregação veto-testamentária: “Saí da Babilônia, fugi de entre os caldeus! (Is. 48,20) após a vinda de Jesus Cristo ao mundo não representa mais uma possibilidade legítima para a comunidade de Deus. Como Jesus Cristo enfrentou a confusão babilônica do mundo até a derradeira conseqüência da morte na cruz, assim êle espera de sua igreja que ela enfrente o mundo, de modo que possa responder ao seu apêlo: — Igreja, onde estás? — dizendo: — Estou presente no mundo, no mesmo mundo em que tu entraste, para ser a sua luz.

Não foi em tôdas as épocas de sua longa e dolorosa história que à igreja cristã foi dado conhecer que seu lugar era dentro do mundo. A religiosidade natural do coração humano tende a viver o seu misticismo particular, a isolar-se em si mesma e a dar-se por satisfeita com as experiências da própria piedade: — “Se Jesus eu tenho, se êle só for meu... de bom grado permitirei que os outros caminhem por estradas largas, cheias, belas...”. Assim como o individualismo religioso em tempos antigos e recentes levou os homens “para fora do mundo” (Lutero fala da tendência do coração humano de “curvar-se em si mesmo”), fazendo com que se tornassem sem significação para o mundo e sua realidade, da mesma forma as tendências naturais do homem para um “individualismo coletivo” têm levado a formas de comunhão cristã que reivindicaram para a igreja e suas funções vitais uma área apartada, que de antemão excluía o mundo, p.ex. comunidades monásticas, que realmente surgiram como conglomerado de monges que já haviam abandonado o mundo individualmente e particularmente, conventículos piedosos, cujo ideal freqüentemente consistia em almejem “ser diferentes do mundo” (os famosos 4 NÃO: não beber, não fumar, não jogar, não dançar — exemplificam este ideal), grupos sectários, cuja pretensão de exclusividade se baseava em doutrinas e práticas “contárias ao mundo”: Tôdas

estas tentativas que acompanham a história da igreja até o presente — ou conduziram à violação do mundo (nas estruturas teocráticas o mundo por assim dizer se retira para o “Untergrund”) ou ao isolamento, isso é, ao getto, aquela caricatura de uma comunidade cristã. Em ambos os casos não é dado testemunho de que Deus amou o mundo e de que Cristo venceu o mundo. Pois ambos os termos — amar e vencer — não podem significar que o mundo seja violado, quer de dentro, quer de fora, ou que seja abandonado à sua própria desgraça.

A fenomenologia específica de uma congregação religiosa isolada, que chegamos a conhecer com impressionante nitidez através dos achados arqueológicos de Qumran, nas margens do Mar Morto, nos demonstra inequivocamente que o modelo de uma comunidade que se retira do mundo não foi produzido por Jesus Cristo e seus apóstolos. Quem ler com atenção a história do primeiro Pentecostes cristão em Atos 2 — ou as epístolas do apóstolo Paulo aos Coríntios — notará que as primeiras comunidades cristãs não vieram a surgir como simples cópias de um modelo previamente existente e “comprovado no mundo”, mas que, mesmo havendo paralelos e semelhanças, se torna patente que algo de nôvo e revolucionário lhes ia dando origem e estruturando suas formas: a proclamação do evangelho de Jesus Cristo, fato decisivo na formação das comunidades, era basicamente uma proclamação feita ao mundo, de maneiras que não apenas as estruturas das igrejas que surgiam, mas também as suas relações com “o mundo” eram regulamentadas pela pregação do evangelho. Este irromper da palavra de Deus para dentro do mundo na primeira cristandade é acompanhado de uma atitude franca e desimpedida de seus mensageiros para com o mundo. Fronteiras étnicas e lingüísticas, outrora intransponíveis, são superadas, barreiras sociológicas e culturais desaparecem. O mundo sofrera uma autêntica invasão, com uma transmutação de todos os seus valores, que não podia deixar de desconcertá-lo. A atitude da primeira cristandade para com o mundo pode ser bem descrita com a expressão **PARRESIA**, equivalente a franqueza, liberdade, alegria, confiança — talvez possamos dizer — “amor agressivo”. Enquanto a comunidade do Antigo Testamento passava pelos mares das nações (Goim) como um navio, no qual se achavam os eleitos, fazendo com que a água tivesse contato com o navio, mas não entrando nêle, a comunidade de Cristo em princípio abre mão de qualquer delimitação preconcebida em relação ao mundo, pois não vê no mundo a massa dos perdidos, através da qual o povo de Deus deveria caminhar — se possível incólume — para a salvação (“nada queremos do mundo a não ser passagem livre”). Vê no mundo antes de mais nada o objeto do amor de Deus, agraciado pela ação redentora de Jesus Cristo, em tôda a sua plenitude. A Igreja de Jesus Cristo não se encontra no mundo como num navio se encontra na água, nem como um pássaro se encontra no ar, ou como um tesouro escondido na terra, mas como o sal que está na comida, como o fermento na massa, como a luz num quarto

iluminado, como capital empatado num empreendimento. A igreja quer transformar o mundo em igreja ("fazei discípulos meus de tôdas as nações"). A missão dos discípulos para dentro do mundo com isso não se baseia em conceitos românticos ou idealistas a respeito de seu "objeto de missão". Os mensageiros de Cristo não ignoram que o mundo vive em inimizade contra Deus e que só será capaz de ver nêles inimigos e perturbadores da ordem. Em Atos 17,6 nos é relatado que os habitantes de Tessalônica "arrastaram alguns irmãos" para as autoridades da cidade, porque haviam hospedado a Paulo e seus compnheiros. "Êstes que transtornaram o mundo chegaram também aqui... procedem contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei". Os versículos seguintes afirmam que a multidão ficou agitada. Não foi nenhum artifício de publicidade que originou aquela agitação. O próprio evangelho lhe deu origem. A proclamação da mensagem de Cristo necessariamente produz aquele turbilhão no mundo. Onde a igreja não consegue mais nem encrespar a superfície lisa de uma sociedade, a sua existência é mais que problemática. Talvez já esteja conformada com o mundo — e isso significa capitulação. (Há muitas maneiras de se "conformar" com o mundo: a mais recente: desenvolvendo uma palavra mal interpretada de Bonhoeffer, proclama-se a "maioridade" do mundo, maioridade que não surge com a palavra, mas que está implicada no próprio conceito de "mundo", independentemente da pregação do evangelho. Tomar a sério o mundo não poderá significar que de antemão o etiquetemos com predicados que impossibilitam a palavra de pôr em dúvida a existência *total* do mundo, para lhe anunciar a sua redenção *total*.)

Posto que contemos com a inimizade do mundo, teremos a tarefa de demonstrar que esta é unilateral e que a oferta de reconciliação total e definitiva não é anulada pela atitude negativa dos que combatem o evangelho. Sòmente através da prática constantemente rejuvenescida da oferta da graça divina a ecumenê pode ser "transtornada", abalada no sentido de Jesus Cristo, tão profundamente abalada que criaturas humanas conseguem irromper para o mundo de Deus, depois de Deus ter irrompido para o mundo dêles.

Para a igreja será de importância vital que êste abalo, êste turbilhão que o evangelho produz, não se congele. A comunidade de Cristo não conserva o seu tesouro, guardando-o para si, mas sim, passando-o adiante. A conservação da dádiva da salvação num recinto fechado não só leva a dívidas acumuladas para com o mundo, mas leva igualmente à pèrda da própria dádiva de Deus. Por isso uma igreja com "limites congelados" não pode ser igreja de Jesus Cristo em seu sentido pleno, pois esta é comunhão que constantemente é abalada, e que constantemente abala o seu ambiente — é povo de Deus posto em marcha, que não tem por fim a defesa de posições fixas e que portanto não necessita de muros protetores erigidos por homens. Quem exclusivamente se acha

empenhado em defender posições, não está livre para o mundo, não poderá enfrentá-lo com a PARRESIA, o “amor agressivo” dos primeiros cristãos, por se achar ocupado consigo mesmo.

A pesquisa mais recente da vida e da obra de Lutero tornou a demonstrar que o Reformador não tinha em mente o estabelecimento de uma fração da cristandade como “igreja confessional autarca”, transmissível por herança e plenamente ocupada com sua autoafirmação, relegando a parte restante do mundo à perdição, “por se achar fora do âmbito da ação divina”. Lennart Pinomaa; em seu livro “Vitória da Fé”, diz que “para a visão larga de Lutero tal atitude seria impossível”. Para Lutero a Igreja não é nada mais a não ser criatura do evangelho, e isso não apenas no sentido de que uma vez, em tempos remotos, o evangelho tivesse dado o primeiro impulso para a fundação da igreja: Não, de uma forma imediata e concreta, agora e aqui, a igreja é gerada pela palavra de Deus.

O teólogo sueco Aulén diz, num expressão muito feliz, que Lutero sempre se deixara guiar pelo pensamento de que “o evangelho estava a caminhar pelo mundo e que, criando a fé, simultaneamente produzia a comunhão dos santos”. Se tal compreensão da “eclesiologia” de Lutero é correta, com isso teríamos em mãos um critério que poderia ser de inestimável valor para enfrentarmos os problemas específicos que uma igreja “confessional”, com limites desde muito congelados, apresenta. Tal igreja sempre está em perigo de contentar-se com a conservação do status quo, de esconder a luz que lhe foi dada, por debaixo do alqueire de tradições mais ou menos estáticas e nomísticas, ficando deste modo a dever ao mundo aquilo que é sua própria razão de existência. O aludido critério seria baseado *no primado absoluto do evangelho a caminhar pelo mundo*; tudo que dentro da igreja estivesse a impedir a soberania e a ação livre do evangelho, com isso seria tirado da esfera da “tradição sagrada” (ou também da esfera da “novidade revolucionária que a igreja a qualquer custo deve adotar”), para ser classificado de acôrdo com a função exercida para com o evangelho. Assim tudo o que estivesse a impedir o livre curso da palavra, seria reconhecido como impecilho e tratado como tal. Isso de certo modo não só poderia acarretar uma modificação fundamental na maneira pela qual a igreja proclama o evangelho — seja dentro ou fora de seus muros, mas a igreja, tanto no sentido amplo como no restrito como comunidade local, permitiria seja posta em dúvida a sua estrutura total pelo evangelho, que quer “caminhar pelo mundo para criar comunhão dos santos”. A compreensão que Lutero teve da igreja, é universal — abrange todo o mundo, é verdadeiramente católica e ecumênica. De nenhum modo podemos recorrer a Lutero, quando permitimos que nosso horizonte seja limitado pelas fronteiras das corporações eclesiásticas, assim como resultaram da evolução histórica. Cumpre apontar o que em nossas igrejas é criatura do evangelho e o que é o resultado de outros fatores. A reta proclamação do evangelho em todo

o mundo deverá ser a realidade primária da igreja. Tudo mais é realidade secundária. Partindo desta premissa, concluiremos que o diálogo com cristãos que têm suas raízes em outras igrejas confessionais, não só é possível, mas que é uma necessidade lógica e teológica, da qual não podemos subtrair-nos, tanto "pelo amor de Cristo como "pelo amor do mundo". Que tal diálogo deverá ser feito à luz da justificação pela graça e não com a intenção oculta da auto-justificação — isto não é apenas uma questão de prestígio perante o mundo, mas é a questão vital, o artigo máximo da fé, com o qual a igreja vive e morre, perante Deus e perante o mundo. "Existir no mundo" para uma igreja luterana não poderá significar que de maneira oportunista deva conformar-se com o mundo. Espírito ecumênico, por seu lado, não será idêntico com uma assimilação doutrinária, realizada por meio de critérios quantitativos e estatísticos. O mundo somente será abalado por uma teologia ecumênica, na qual a pergunta por Cristo, e com ela a pergunta pela justificação do homem ocupar o lugar central que lhe compete. Não haverá quem duvide de que a igreja luterana tenha a fazer uma contribuição decisiva na luta sempre atual pela expressão do artigo central da fé cristã. Que ela não poderá cumprir sua missão neste sentido com a simples repetição das fórmulas dogmáticas do século 16 — igualmente deveria estar fora de qualquer dúvida. A nossa geração de teólogos incumbida de dar testemunho do evangelho em um mundo sujeito a modificações sem paralelo, poderá ter recebido de seu Senhor a tarefa específica de professor o conteúdo central da confissão reformatória em uma linguagem que o mundo contemporâneo compreende. Para a existência da igreja luterana no mundo isso poderia ser básico. Sem que se perdesse uma partícula sequer de seu conteúdo, deveria ficar patente que as fórmulas dos reformadores não representam "fé em conserva", mas que são a expressão e o fruto da palavra de Deus, e que em toda a parte onde "o evangelho caminha pelo mundo" êle dá origem a expressão análoga. As formulações dos escritos confessionais seriam, assim, sujeitas a serem constantemente confrontadas com a realidade da palavra anunciada agora e aqui, entrariam no turbilhão, no movimento que a proclamação do evangelho origina, ficando assim expostos à crítica e ao ataque do mundo, mas simultaneamente seriam libertados do ar museal que os rodeia, quando são consideradas apenas como sendo fórmulas consagradas pela tradição. Nossa pouca fé nos quisera impedir de deixarmos pôr em dúvida pelo mundo aquilo "em que nossa fé repousa". Antes quiséramos exclamar o "Aqui estou — de outra maneira não posso" no recinto sacral da igreja fechada onde há muito deixou de representar escândalo. Mas não esqueçamos que Lutero fêz sua confissão perante o mundo, e perante um mundo que se lhe apresentava na mesma ameaçadora constelação que também haviam enfrentado os confessores da primeira cristandade; que o modo pelo qual deu testemunho de sua fé era compreendido pelo mundo de então como inaudita e escandalosa negação do homem que se justifica a si mesmo (e isso é — do mundo que se justifica a si mesmo). O mundo, atingido em seu nervo mais sen-

sível, com isso era levado à decisão. Acontecia algo com êle; o turbilhão, o abalo ("êstes que têm transtornado o mundo") era sinal evidente que o evangelho realmente caminhava pelo mundo e que no meio do turbilhão de resistência e violência nascia a igreja, a criatura do evangelho, e se estabelecia a comunhão dos santos. O evangelho havia sido anunciado reta e puramente — e isso foi menos uma questão de ortodoxia do que de "ortomartiria". Presença da igreja no mundo antes de mais nada quer dizer MARTYRIA — testemunho. Quando *doutrina* não for sinônimo de *testemunho* — o mundo dela não tomará conhecimento.

Se quisermos resumir as exposições feitas até o momento, poderemos afirmar, em prosseguimento às reflexões iniciais alusivas à etimologia da palavra EKKLESIA: Sim — a igreja é "chamada para fora" — mas não para fora do mundo. É chamada para fora de seu círculo fechado, é a que é enviada para dentro do mundo, a que é aceita ou rejeitada pelo mundo, a que ama o mundo e que ao mesmo tempo não é prêsa pelo mundo. Como corpo de Cristo ela participa do seu modo de existência no mundo. Ela não vive da graça do mundo, mas da graça de Deus — mas vivendo dentro do mundo, vive para o mundo e voltada para o mundo. O seu objetivo é a salvação do mundo. Assim a direção de marcha do povo de Deus é para dentro do mundo ("ide a todo o mundo..."). A palavra de um sábio cura d'almas: "O homem deve ser convertido duas vezes: uma vez em direção de Deus e outra vez em direção do mundo" — atinge perfeitamente a questão básica que aqui intencionamos apontar como sendo assunto da igreja tãda, não só do individuo cristão. Talvez poderíamos dizer com mais acêrto que a conversão a Deus já implica a conversão ao mundo. O Deus que em Cristo está voltado ao mundo como o Deus do amor, não dispõe de outro material de ilustração para sua vontade salvífica a não ser a sua comunidade, que está voltada para Ele para ouvir a sua palavra e para administrá-la, junto com os sacramentos, como meios de salvação para o mundo.

"Resumindo o resumo" — concluiremos que a igreja deveria estar menos preocupada com os aspectos fenomenológicos (sociológicos, etc.) de sua presença no mundo do que com a pergunta: como se realiza a função essencial da proclamação do evangelho dentro do mundo. Com esta pergunta e com a resposta que lhermos a presença da igreja no mundo está definida. E a própria igreja está definida, pois enquanto ela proclama a palavra no mundo, ela própria é gerada pela mesma palavra. Para a igreja de certo modo vale a mesma verdade, à qual Lutero deu expressão referente ao cristão individual: como o cristão não tem sua existência no "ter sido", mas no "vir a ser", a própria igreja tem sua existência no "vir a ser", que se concretiza aqui e agora, ao ser anunciada a palavra de Deus.

Se passamos a volver o nosso olhar à realidade concreta do "mundo latinoamericano", no qual a maior parte de nós vive, no qual tentamos viver como cristãos e membros da Igreja de Cristo,

chegamos a conclusões talvez decepcionantes, mas inequívocas: O evangelho até a presente época tem sido restringido a certas "ilhas" e "arquipélagos" espirituais dentro do mundo latinoamericano — mas não esteve *presente neste mesmo mundo*. Ele não foi abalado, transtornado pela plenitude de um evangelho que dentro dêste mundo caminha, criando a fé e produzindo comunhão dos santos. Os conquistadores enfrentaram o mundo de autóctone americano com violência e espada, exterminando-o em grande parte. O "material de ilustração de Deus" — os cristãos — fracassou terrivelmente naquele hediondo genocídio que talvez só encontre algo equivalente nos massacres da última guerra. Como o índio creeria que Deus amou o mundo, quando observava como os "deuses brancos" irrompiam em seu mundo com astúcia e violência para estabelecer o seu domínio? Sem querermos minorar o fervor missionário dos abnegados frades que a seu modo procuraram reunir os dispersos sob a cruz e a sarar as feridas, não é possível deixarmos de constatar objetivamente que o evangelho deixou de entrar no mundo do indígena e no de seus descendentes. A experiência teocrática do território das Missões foi uma tentativa importante e séria de confrontar o mundo indígena com o evangelho; a experiência dos holandeses calvinistas no nordeste do Brasil foi outra. O fracasso de ambas não pode ser debitado exclusivamente a fatores externos. Se o evangelho realmente tivera *entrado* no mundo do indígena, dificilmente poderia ter sido desarraigado dêle.

Quase ainda parece maior o saldo devedor dos "conquistadores cristãos" frente aos escravos africanos (só no Brasil foram importados entre 5-8 milhões). Não admira que por exemplo em Haiti, e há alguns decênios também no Brasil (e lá em escala alarmante) o mundo do preto esteja emergindo do "subsolo" para onde havia sido recalçado, e que em dezenas de milhares de locais de culto pagão ou sincretista nos apresente as provas de que a realidade de Cristo lhe é desconhecida. O cristianismo serviu de pintura para as casas dos homens mas não foi a luz que alumiasse o seu interior. Os cristãos não se identificaram com o homem maltratado e miserável, iniciando-o em uma forma de vida cristã que lhe tivesse fornecido possibilidades de crescimento espiritual, sem depender constantemente de fontes externas. Houve missão — mas não houve comunidades missionárias, dentro das quais o homem da terra se pudesse ter enquadrado e crescido como cristão, até alcançar a maioridade.

Mas — por que remexer no passado, já que o mundo é mundo agora — e é o *nosso* mundo! Não há dúvida de que nesta questão da presença do evangelho no mundo não podemos deixar de falar de nós mesmos. De nós? Quem somos nós? Não devemos enganar-nos de que nos olhos do mundo que nos rodeia não passamos de representantes de um protestantismo dividido em facções múltiplas e contraditórias, de um protestantismo que já de antemão é suspeito por apresentar ao mundo de Deus — que é *um* mundo — a solução sectária de mil pequenos mundos autár-

quicos, de existência independente. Sem dúvida o protestantismo, presente há mais de cem anos no mundo latinoamericano, trouxe o evangelho consigo, mas a sua presença neste mundo tem sido seriamente prejudicada e obscurecida pelo sectarismo, que sempre é sintoma de um deslocamento do eixo do centro para a periferia — o que a nosso ver representa o impedimento mais sério à soberania da palavra de Deus e à sua função de “caminhar pelo mundo”. Sim — nós, os luteranos, basicamente estamos no mesmo juízo. Há mais de um século nós, em maioria descendentes de grupos étnicos luteranos, estamos presentes na América Latina. Estamos realmente presentes? Conseguimos nós convencer o mundo latinoamericano de que a igreja do evangelho puro não quer formar grupos e grupinhos apartados de sua realidade, ou que não é o seu supremo alvo combater a igreja católica romana, mas que o seu único alvo é a edificação da igreja de Cristo e que o interesse exclusivo dos pastores e missionários luteranos consiste em oferecer a este seu e nosso mundo a salvação que Deus dá em sua graça livre “por amor de Cristo”? Temos entrado neste mundo em escala condizente com a sua magnitude e em intensidade condizente com o amor de Deus para com este mundo? A mui citada responsabilidade pública da igreja em última análise não poderá significar outra coisa, a não ser a libertação do evangelho de seu enclausuramento, para que entre no mundo como evangelho, como palavra de Deus soberana e livre, e não como doutrina que nós dominamos e que nós manipulamos de acordo com nossos princípios e gabaritos. Proclamações públicas da igreja, “dirigidas ao mundo”, referentes a problemas atuais, manifestos de corporações eclesásticas que intencionam acentuar a responsabilidade política e social da igreja na vida pública, podem ter a sua utilidade. Mas não podem ser identificados com a necessidade elementar de que a própria igreja seja igreja no mundo e para o mundo. Apelos e proclamações raras vezes poderão negar que representam um desesperado esforço no sentido de se proclamar uma mensagem através de um muro, que por direito deveria ser dita no outro lado do muro. Não será aconselhável que gastemos nossas energias para clamarmos com mais força para além do muro — que antes procuremos atravessar o muro: a nossa teologia luterana nos ajudará a demolí-lo, se necessário! Que aprendamos a dizer “o que não podemos deixar de proclamar” lá onde os homens se encontram, onde realmente existem.

Dissemos acima que o critério elementar, derivado da visão de Lutero — da palavra de Deus “que anda pelo mundo”, estabelecendo a comunhão dos santos”, poderá implicar uma modificação das estruturas tradicionais da igreja. Cremos que isto se aplica antes de tudo à esfera da comunidade local, onde os cristãos se congregam, onde a EKKLESIA se torna visível e concreta. É nela que existem as autênticas oportunidades de viver no mundo e de abalar o mundo — na esfera da convivência humana, da vizinhança, do trabalho comum nas fábricas e escritórios, dos partidos políticos — em toda a estrutura social de que a comunidade cristã participa.

Também para a América Latina não haverá outra alternativa de evangelização e de cristianização das massas perdidas na imensidão do seu território, a não ser pelo surgimento de comunidades vivas, abertas para o mundo, dotadas de amor agressivo para com o mundo que as rodeia, comunidades não agarradas a estruturas "sacrossantas" nem hipnotizadas por "novos métodos infalíveis" que se oferecem.

Mas sejamos realistas! Poderá uma congregação local, estabelecida nos moldes tradicionais e estáticos de paróquia, cumprir esta tarefa? A paróquia — com o seu centro e limites geográficos fixos, delimitada de outras paróquias, igualmente fixas e estáticas — não é ela o símbolo de uma grandeza imóvel e inerte, por natureza incapaz de tomar atitudes que não sejam ditadas pela tradição? Poderá ela "ir ao mundo enquanto estiver amarrada ao seu próprio centro e enquanto para lá convergirem todos os seus interesses? Não representa a paróquia tradicional o maior empecilho para uma penetração real do evangelho no mundo? — Não há dúvida que tais perguntas têm sua razão de existência. A prova concreta da incapacidade da paróquia tradicional de "ir ao mundo" podemos encontrar em tôda parte: a mais convincente consiste no fato de que comumente os membros de uma comunidade tradicional "intacta", relativamente engajados no seu ambiente costumeiro, soem tornar-se passivos, quando passam a habitar em outro ambiente social, quer que emigrem para a cidade, quer que abandonem a comunidade relativamente "compacta", mudando-se para a diáspora. Os membros de nossas paróquias tradicionais por via de regra não são capacitados para viverem na diáspora; isolam-se na esfera individual, assim como se haviam isolado coletivamente na "ilha paroquial", onde o contato com o mundo "o diálogo da fé com a descrença" foi praticamente inexistente. Não levam o evangelho consigo como uma semente, pela qual o nôvo mundo, no qual passarão a viver, já está aguardando, mas antes como um hábito que é possível conservar sem que incomode os novos vizinhos. Não admira, outrossim, que as seitas mais extravagantes, que dificilmente penetrariam numa "paróquia compacta", fazem as suas vítimas de preferência entre os membros desarraigados de seu "habitat" tradicional, seja entre os que se mudam do ambiente rural para a cidade, ou entre aqueles que abandonam as colônias antigas e que procuram uma nova existência nas zonas de colonização recente, como está acontecendo em larga escala no Brasil, principalmente nos estados de Paraná e de Mato Grosso. Nos casos citados, sempre que a "densidade habitacional" dos membros evangélicos — e a disponibilidade de pastôres — permitirem o estabelecimento de uma nova paróquia, o "transplante" da vida comunitária estará garantido. Se os aludidos fatores não existirem, os membros individuais comumente se mostram incapacitados de "irem ao mundo" como cristãos. Ou serão simplesmente tragados por seu ambiente, ou apenas conservarão a sua fé, o que mais cedo ou mais tarde implica no seu desaparecimento.

Como a paróquia poderá ir ao mundo? Se a paróquia como comunidade de Cristo conseguir abrir-se para o mundo, então os paroquianos individualmente o saberão fazer também. Não restará outra alternativa, a não ser mandar missionários para o "mundo pagão", delegar diáconos aos lugares de sofrimento do mundo — que farão em nosso lugar, numa espécie de missão e diaconia vicárias, o que nós, os paroquianos deveríamos fazer pessoalmente, se tivéssemos "ido ao mundo"? — Não há dúvida de que sempre houve e sempre haverá necessidade de enviar missionários para terras estranhas e também de delegar diáconos e diaconizas para hospitais e asilos. Mas isto só terá sentido, se representar uma tarefa que a própria comunidade aceita como sendo *sua* tarefa, não só em sentido financeiro, mas no sentido de que toda a comunidade se considere uma casa de diáconos e diaconizas e uma sociedade missionária ao mesmo tempo. Eu não posso enviar um missionário ou um diácono ao longe, se eu não quiser ser um missionário ou um diácono agora e aqui, a não ser que abra mão de meu crédito para com o mundo — e crédito tem a ver algo com *crer*, com *fé*. A estrutura de uma comunidade que quer viver no mundo e que quer merecer a sua fé, o seu crédito, deverá ser necessariamente missionária e diacônica. Temos que ver claramente que o compromisso igreja-mundo, que largamente ainda caracteriza as comunidades parcialmente ligadas à herdada estrutura típica da "*Volkskirche*" e parcialmente dependentes do esquema de sociedades e clubes, não representa a solução por nós almejada, solução que implica que a igreja "entre no mundo". Nas estruturas assinaladas o mundo de certo modo entrou na igreja, ditando-lhe as normas de conduta, de organização, de participação na vida social, dos métodos de financiamento empregados etc. A comunidade secularizada é antes uma vítima do mundo do que o agente de sua salvação. A vítima não é livre. Ela está comprometida com o mundo, ela ocupa o lugar que o mundo lhe indica. A comunidade "criatura do evangelho" ocupa o lugar que Cristo lhe indica.

A comunidade de estrutura diacônico-missionária terá por centro claro e inequívoco a palavra e os sacramentos de Cristo, únicos elementos constitutivos de sua igreja. Do Cristo presente em sua palavra e seus sacramentos — e Cristo é o arquidiácono e o arqui-missionário de sua igreja — irradiam a missão e a diaconia que acompanham o curso de sua palavra e que são obra de seu espírito. Sob esta palavra as estruturas só terão uma função: a de servir a palavra em sua penetração do mundo. É por isso que elas são importantes — não em sentido absoluto — mas como meios e instrumentos da palavra. As estruturas subordinadas à palavra se tornam por sua vez diacônicas, tornam-se "obedientes", deixam de ser um peso morto, um empecilho à proclamação da palavra.

Será um ideal utópico, aspirarmos por "estruturas cristãs" da igreja? — Certamente o será, se tivermos um modelo concreto em vista, com o objetivo de o reproduzirmos em nosso meio —

talvez o modelo da comunidade primitiva de Jerusalém, ou coisa que o valha. Mas tão pouco como a própria comunidade de Cristo é utópica, o serão as formas concretas que surgem, diferentes em cada época e em cada país, com e sob a proclamação do evangelho. Poderá ser uma questão de vida ou de morte para a igreja, se ela julga a sua estrutura como sendo grandeza autônoma, ou se ela a considera claramente subordinada à mensagem que proclama.

Na comunidade de índole diacônico-missionária a pregação da palavra será acompanhada de uma iniciação consciente e responsável dos membros no serviço específico do cristão no mundo. O "*recte docere*" implica esta iniciação. O cristão mudo e imóvel aprenderá a ver a sua mudez e a sua imobilidade como resistência ao Cristo vivo, isto é, como pecado e como sintoma de descrença. Aprenderá a falar, ouvindo a palavra — não só a responder a Deus "em pração e hinos de louvor" — não só a falar com os irmãos na fé, em "mútuo colóquio e consolação", mas também a falar com os descrentes, com os cansados e desesperados do mundo, que desconhecem o evangelho. Aprenderá a falar "em outras línguas" (o que pode ser compreendido em sentido literal), aprenderá a conduzir o diálogo da fé com a descrença. O pastor de tal comunidade não tratará de monopolizar êste serviço específico; antes compreenderá sua tarefa como ministério e diaconato para o mundo, destinado a criar constantemente outros ministérios e diaconatos dentro do organismo vivo da comunidade, igualmente dirigidos ao mundo, será empenhado em ajudar aos cristãos "infantes" a se tornarem cristãos de maioridade, a despertar responsabilidade e cooperação ativa. O sacerdócio geral dos crentes em uma comunidade de estruturas "obedientes" será uma realidade concreta, não apenas uma exigência dogmática. A *mordomia* em suas múltiplas formas, que está sendo praticada em escala crescente, também em comunidades luteranas da América Latina, poderá ser uma modalidade concreta de modificação de estruturas inconvenientes, que não nasceram com o evangelho, para outras que permitam "o livre curso da palavra no mundo". Não somos de opinião que a prática da mordomia seja um sistema infalível de reestruturação das comunidades no sentido almejado. Ela poderá transformar-se de noite para o dia em ativismo desalmado, se o *primado absoluto da palavra* for substituído por qualquer outro fator. O resultado em tal caso poderá ser um excelente método de promover o proselitismo ou de realizar campanhas financeiras bem sucedidas — coisas que talvez impressionem o mundo, mas que não o convencem nem o conquistam para Cristo. Também a mordomia é apenas um instrumento a serviço da palavra — nada mais. Mas pode representar um instrumento de inestimável valor, quando claramente estiver a serviço da palavra, justamente por mostrar caminhos práticos de iniciar os cristãos na vida diacônica e por deixar patente que sem serviço concreto na comunidade não é possível ser membro da mesma. A teologia sempre inquirirá a mordomia pelo "por quê" e pelo "aonde" de seu serviço: por um lado procurará conscientizá-la constantemente de sua função instru-

mental, do perigo do nomismo e da justificação pelas obras, e por outro lado a lembrará de que o seu serviço é necessariamente dirigido para o mundo — que ela não se poderá dar por satisfeita com a conservação e consolidação de comunidades existentes e com a ativação interna de seus membros. Além disso será necessário velar pela espontaneidade da ação cristã. Um ativismo institucionalizado e regulamentado, que não deixa margem para a ação espontânea, que antes se orienta por esquemas preconcebidos, poderá erigir novas barreiras para o mundo, em vez de demoli-las. O amor fraternal àquele que ainda não é irmão — um amor radicado na fé e irmanado à esperança — nunca caberá por completo em esquemas e métodos de trabalho eclesiástico. O cristão nunca “pertencerá” por completo à igreja e suas múltiplas formas de ação — justamente por ser servo incondicional de Cristo. Na tensão entre o “pertencer a Cristo” e o “pertencer à comunidade” êle achará a força e a liberdade pelas quais se origina a sua ação para com o mundo. Espontaneidade e fantasia em tal atmosfera de liberdade cristã não serão antônimos de disciplina e de fidelidade confessional — apenas serão os seus complementos.

Poderíamos perguntar pelos méritos de uma tentativa de se considerar os gabaritos e as diretrizes da existência da igreja no mundo como sendo dados essencialmente com a comunidade “local”: Onde fica o *todo* da igreja, a igreja em seu aspecto universal e ecumênico? Onde ficam as grandes perspectivas de penetração do mundo em escala condizente com a magnitude da tarefa? Onde permanecem a coordenação, o planejamento, as grandes linhas mestras de uma estratégia missionária de âmbito mundial? Onde fica a “voz da igreja”, proclamada frente aos que governam o mundo, voz que combate a injustiça social, que luta pela paz, pelos direitos do homem? A igreja não perderá estas grandes perspectivas de uma presença responsável no mundo, se conscientemente procurar concentrar-se nas suas células, em vez de focalizar o corpo, o *todo* da igreja e o *todo* do mundo? — É nossa opinião que a igreja não poderá estar presente no *todo* do mundo, se antes não for presente no mundo aqui e agora, isto é, no lugar definido onde a palavra é pregada e onde os cristãos se reúnem e vivem. Nesta concepção “mundo” e “igreja” não seriam tanto grandezas numéricas e quantitativas, mas antes qualitativas: O mundo *todo* está presente, e a igreja *tôda* está presente (como o Cristo *todo* está presente), quando dois ou três estão reunidos em seu nome. Onde êste evento fundamental da presença de Cristo em sua palavra e seus sacramentos não se realizar concretamente, agora e aqui, a igreja não estará presente no mundo, mesmo se estiver magnificamente “entrosada” com as forças que o regem, mesmo que siga avidamente qualquer novidade que apareça, com o intuito de impressioná-lo, mesmo que faça sentir sua influência por intermédio dos meios de comunicação modernos etc.: Tudo isto não será fidedigno para o mundo, se as premissas assinaladas não lhe servirem de fundamento. Julgamos ter chegado o momento em que se deve dizer com clareza que, conquanto

talvez o tenha havido no passado, futuramente não haverá mais missão mundial sem comunidades missionárias, não haverá mais diaconia geral sem comunidades diacônicas, não haverá mais presença da igreja no mundo sem a presença consciente das comunidades de Cristo em Lima, Santiago, Pôrto Alegre, ou onde quer que existam — no mundo em que Deus as colocou e para o qual as enviou. Os eventos dos últimos decênios no terreno das sociedades missionárias e das casas de diaconia falam uma linguagem nítida e clara. Não deveríamos fechar os ouvidos frente à realidade inquietante da situação, mas antes procurar analisá-la e enfrentá-la com sobriedade e fé. Não julgamos que a cristandade deva perder de vista as grandes linhas, nem que deva deixar de pensar em categorias de âmbito mundial — como deve ter ficado claro na primeira parte de nossas deduções. Comunidade diacônica e missionária e cristandade diacônica e missionária não são alternativas que se excluem, mas são realidades que mutuamente se condicionam. Tivemos apenas o intuito de acentuar que a última não passaria de utopia (u — topos: existente em nenhum lugar) sem a primeira.

Que a EKKLESIA aqui e em todos os lugares dêste mundo de Deus seja fortalecida para que possa dar ao mundo o que lhe deve; que a PARRESIA de Cristo vença a mentalidade temerosa e introvertida das igrejas e da igreja e que dêste modo sejamos aptos para dentro da igreja e dentro do mundo desempenharmos a função para a qual Deus nos destinou!